

DA GUERRA NA EUROPA

A única coisa que todos os predadores têm em comum é atacar a Europa.
Giuliano da Empoli

As guerras não se ganham na comunicação social, mas todos nós sabemos a importância que têm para moldar as percepções.
Major-general Carlos Branco (DN 29/06/2026)

A Velha Europa das lutas fratricidas encontra-se, de novo, sacudida pelo pesadelo da guerra. A ilusão de uma paz eterna, decorrente do final da Guerra Fria, desmoronou-se, a Leste, com os estremecimentos da Rússia. A análise que aqui proponho, hoje, procurará recapitular os abalos ideológicos e geopolíticos que aqui nos trouxeram, e, sobretudo, sublinhar a NOVIDADE da ‘frente mediática’, onde se combate para “moldar as percepções”.

De uma guerra a outra

O final da *Guerra Fria*, no seguimento do desmoronar da União Soviética, provocou grandes modificações na geografia política da Europa. Para além da reunificação das duas Alemanhas (RFA e RDA), a generalidade das repúblicas satélites da URSS (Polónia, Hungria, Checoslováquia, Roménia, Moldávia e Bulgária) e algumas das repúblicas europeias integrantes da União (Estónia, Letónia, Lituânia, Bielorrússia e Ucrânia) encararam a mudança do cenário político como uma oportunidade para se tornarem independentes e procederem à institucionalização de regimes democráticos de cariz liberal. A Jugoslávia, que gozava de grande autonomia face a Moscovo, depois de uma série de sangrentos conflitos, haveria de decompor-se em 7 Estados independentes: Eslovénia, Croácia, Bósnia e Herzegovina, Sérvia, Montenegro, Macedónia do Norte e Kosovo. Mas na saída da dolorosa experiência da separação, os Estados da antiga Jugoslávia, na sua maioria, também se organizaram politicamente de modo semelhante ao que vigorava e vigora na Europa Ocidental. O mesmo se pode dizer quanto à vizinha Albânia. E não tardaram a perceber que algo teriam a ganhar se pudessem ingressar na União Europeia (UE).

No plano internacional, a Rússia – que, pela mão de Ieltsin, fora a primeira república soviética a abandonar a União – ficou, com a designação de Federação Russa, como herdeira da União Soviética, designadamente do seu extenso armamento nuclear. Esta realidade foi imediatamente objecto de receios da parte dos vizinhos da Rússia. Em 1992, alguns dirigentes da Polónia deixaram mesmo perceber aos seus congéneres americanos que procurariam dotar-se de armas nucleares se não lhes fosse concedida a adesão à OTAN.¹

Ainda antes de qualquer dos países de Leste serem admitidos na OTAN, havia que resolver a questão das armas nucleares da antiga URSS que permaneciam nos Estados que se haviam

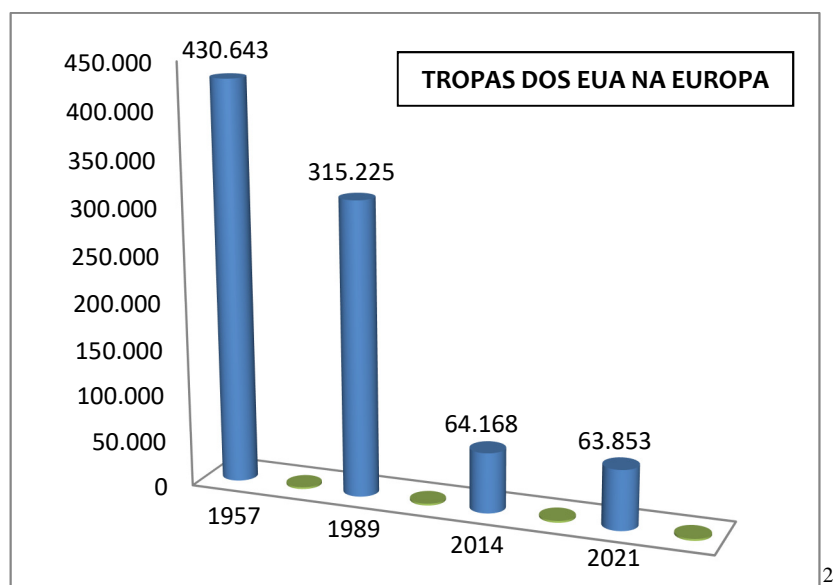
¹ PLOKHY, Serhii, *The Russo-Ukrainian War: The Return of History*, p. 75. W. W. Norton & Company. Edição do Kindle.

separado de Moscovo, um dos quais era a Ucrânia. Assim, em Dezembro de 1994, o presidente Clinton pelos EUA e o presidente Kuchma pela Ucrânia firmaram o *Memorando de Budapeste*, mediante o qual o governo de Kiev se comprometia a entregar à Federação Russa as armas existentes no seu território. O dito Memorando outorgava à Ucrânia garantias de segurança, pelas quais se responsabilizavam os EUA, a Federação Russa e o Reino Unido. Mais tarde, a China e a França puseram, também, as respectivas assinaturas no documento.

Não parecia que os EUA e os seus aliados estivessem a hostilizar a Rússia.

A sensação de desanuviamento internacional fez da última década do século XX e da primeira do século XXI um período de diminuição profunda da percepção de risco de guerra na Europa, com a consequente diminuição nos gastos de defesa. O que se fez nesta matéria na generalidade dos países da União Europeia (EU) foi um abandono generalizado dos aparelhos militares, com fortes desinvestimentos e enorme perda de capacidade operacional. Perdas estas que – nunca é demais dizê-lo – são muito rápidas a concretizar-se e extremamente lentas a serem invertidas.

Além deste generalizado desinvestimento nas Forças Armadas europeias, a maior potência militar presente na Europa – os Estados Unidos – também entendeu que não se justificava uma tão elevada presença de forças americanas, pelo que tratou de a diminuir. O 11 de Setembro de 2001 e as guerras intermináveis no Iraque e no Afeganistão só acentuaram a já sensível retirada americana (v. gráfico) e a improbabilidade do seu empenho ofensivo noutro Teatro de Operações.



Não parecia que os EUA e os seus aliados estivessem a hostilizar a Rússia.

Mas a invasão do Iraque, em 2003, por uma coligação liderada pelos EUA, na base de uma retumbante MENTIRA, foi lida em Moscovo como exemplo do que a Federação Russa teria o direito de fazer, sem que os ocidentais tivessem argumentos para a fustigar com lições de moral. Era só alegar a existência na Ucrânia de algo equivalente às ‘armas de destruição massiva’ inventadas pelos americanos.

² DANILO Taino, *La Nato in Europa si è ridotta da anni*, Corriere della sera (16-03-2022)

Em Novembro de 2013, o presidente da Ucrânia, Yanukovich, aceitou um convite para a cimeira da UE em Vilnius, onde se esperava que assinasse um acordo de associação. Abruptamente, porém, acabou por se recusar a fazê-lo. Falando com a sua própria equipa, explicou a mudança de posição como resultado de uma conversa com Putin, que lhe terá dito que nunca permitiria que a UE ou a OTAN tivessem fronteira com a Rússia. Se Yanukovich assinasse o acordo, a Rússia ocuparia a Crimeia e grande parte do sudeste da Ucrânia. Yanukovich, visivelmente abalado, decidiu abandonar o acordo com a UE.³

Assim que a notícia foi conhecida em Kiev, desencadeou-se um movimento de contestação na praça Maidan e a subsequente repressão violenta que, após vários dias de luta, provocaria o exílio de Yanukovich para a Rússia e TUDO o que se iria seguir, na completa deterioração das relações russo-ucranianas. Segundo as palavras dos comentadores simpatizantes com a causa de Moscovo, a rebelião dos jovens ucranianos foi apoiada, no terreno, por agentes da CIA, o que é bastante verosímil. Todavia, são omissos quanto ao papel dos agentes da SVR (Serviço de Inteligência Estrangeiro da Rússia) e, bem assim, quanto às razões pelas quais saíram derrotados. No léxico dos simpatizantes da Rússia, tratou-se de um golpe de Estado. Como há golpes de Estado bons (25 de Abril) e golpes de Estado maus (Chile – 1973), deduz-se que esses comentadores consideram a rebelião ucraniana como ‘golpe mau’, isto é, sem um maioritário apoio popular. Se foi esta a mensagem que o SVR entregou a Putin, compreendem-se melhor os equívocos que se seguiram.

A verdade é que, no imediato, o Kremlin avaliou bem a debilidade ocidental e decidiu concretizar a ameaça sobre a Crimeia. Primeiro, com os “homenzinhos verdes”, isto é, militares disfarçados de mercenários, para poder sacudir a responsabilidade no caso de a operação correr mal. Mas correu belissimamente, confirmando-se a intenção dos países da OTAN de não reagir estrategicamente.

É nesta ocasião que é VIOLADO O MEMORANDO DE BUDAPESTE.

Desta violação, podem extrair-se os seguintes aspectos determinantes, em termos de FUTURO:

1. O agressor, membro permanente do Conselho de Segurança da ONU, era (é) uma das potências que se comprometera a salvaguardar a soberania da Ucrânia, como compensação pela entrega das suas armas nucleares;
2. Todos os países do mundo anotavam o RISCO que acarretava a assinatura do Tratado de Não-Proliferação de Armas Nucleares;
3. Deixava em dúvida a validade de qualquer tratado de paz ou não-agressão que fosse firmado no futuro.

A partir de 2014, a agudização das relações entre a Rússia e a Ucrânia, com a anexação da Crimeia e a rebelião no Donbas, levou a OTAN a destacar algumas forças para os países da organização mais próximos da Rússia, de modo a garantir que qualquer agressão encontrasse no terreno forças da aliança que garantissem o imediato empenhamento colectivo. Todavia, a poucos meses da invasão da Ucrânia (Fevereiro de 2022), a situação política e estratégica dos últimos anos, no contexto das relações entre o Ocidente e a Rússia, parecia não indiciar um evidente PERIGO DE GUERRA. Da parte do Ocidente, o desinvestimento nas Forças Armadas era patente. Donald Trump classificara a OTAN como organização obsoleta e Emanuel Macron declarara-a em ‘morte cerebral’. Eram muito evidentes os laços de cumplicidade económica entre a Rússia e a UE, deixando esta numa forte dependência

³ PLOKHY, Serhii, *Idem*, p. 94.

energética, de que era grande gestora a Alemanha. Todas estas circunstâncias apontavam para uma alta probabilidade de a OTAN nada fazer perante uma agressão da Rússia à Ucrânia.

O Kremlin limitou-se a constatar que, não havendo hostilidade da parte do Ocidente, tratava-se de um indício de fraqueza que urgia aproveitar. Neste aspecto, Putin não se enganou. O grande equívoco terá sido a ilusão de que tudo se resolveria em menos de uma semana, porque o golpe de Estado de 2013 fora um ‘golpe de Estado mau’. Seriam recebidos como libertadores. Putin tinha chegado ao seu ‘Iraqe’.

Operações de ‘moldagem da percepção’

Quando despontou a ameaça de guerra na Ucrânia, as televisões recorreram a comentadores, militares e civis, para tentarem oferecer aos seus telespectadores o máximo de informação sobre o conflito. Logo nessa ocasião se revelaram dois campos de opinião. Um campo de comentadores alinhados com a posição da UE e da OTAN e outro campo rebatendo a hipótese de guerra difundida pelo governo americano, classificando essa atitude de ‘alarmista’. De um modo geral, os que assim tomaram posição são os mesmos que, posteriormente, se manifestaram como simpatizantes da causa russa. Depois, abordaram o início da guerra como se as tropas ucranianas estivessem condenadas a uma quase imediata rendição, não conjecturando, por certo, que, 4 anos e meio depois, ainda estivessem a comentar o conflito.

No artigo DA UTILIDADE DA DISSUAÇÃO, aqui publicado logo em 13 de Abril de 2022, a propósito de comentários favoráveis à Federação Russa que vinham a público na nossa TV, escrevi o seguinte:

No nosso país, tem sido muito comentada a prestação de alguns militares reformados nos debates sobre a guerra que ocorrem diariamente nos principais canais de televisão. Essa onda de ‘comentários aos comentadores’ tem tido como principal motivo uma alegada simpatia de alguns deles pelas posições de Putin. Admitindo que possa formar-se tal opinião, importa salientar como somos felizes por haver, em Portugal, liberdade para tanto. Na Rússia não há. E esse é um dos sinais da nossa superioridade moral.

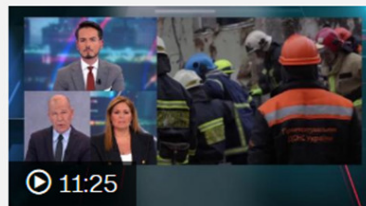
Os resultados dessa superioridade moral, porém, podem igualmente ser olhados de um ângulo estratégico. Imaginem como seria importante para a causa da Ucrânia irem diariamente às televisões da Rússia uns generais reformados, que não fizessem outra coisa senão sublinhar as perdas das tropas russas, as más decisões políticas do Kremlin, a situação económica catastrófica, o futuro negro que se avizinha, etc., etc. Assim, quando hoje se faz o cálculo do Potencial Relativo de Combate, em termos estratégicos, além dos mísseis, aviões e carros de combate, também teremos de contabilizar os instrumentos de ‘moldagem de percepções’ existentes de ambos os lados. Aí, a Federação Russa está em completa vantagem.

Nos programas da nossa TV, aparecem regularmente três comentadores desalinhados com a visão da OTAN e da UE: os maiores-generais Carlos Branco e Agostinho Costa e o professor Tiago André Lopes. A eles devemos esta superioridade moral de que atrás falei, sobretudo porque não fingem que são independentes. Estão muito empenhados na sua visão da guerra e têm a sorte imensa de não enfrentarem moderadores minimamente preparados. Por outro lado, sua preparação não parece ser disputável. Quanto à qualidade das suas análises e previsões, selecionei os *links* da CNN que abaixo permitem fazer um resumo significativo do tipo de mensagens que têm sido transmitidas nos últimos quatro anos.



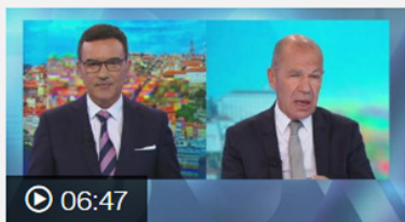
"Os russos desmilitarizaram dois exércitos à Ucrânia". A análise de Agostinho Costa

30Jan23



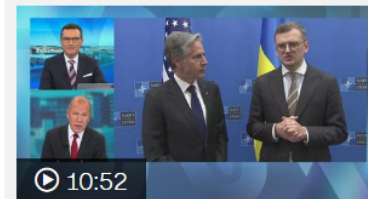
"A Ucrânia está à beira de perder esta guerra". Agostinho Costa analisa guerra na Ucrânia

30Jan23



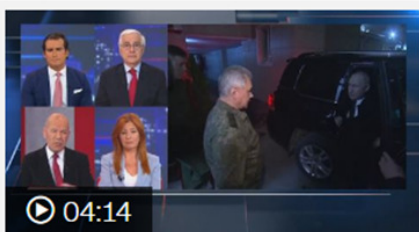
"Chefias militares russas entendem que o exército ucraniano está em pré-colapso": a análise de Agostinho Costa

28 jun 2023, 11:31



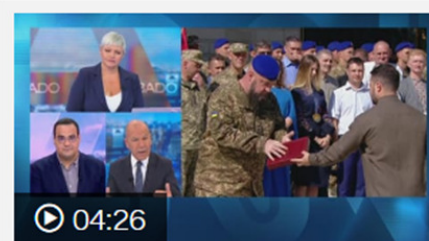
"Já há consciência de que a Ucrânia vai colapsar", diz Agostinho Costa (que espera que Portugal não entre "nessa fantasia" de que se fala)

05Abr24



"Foram precisos quatro anos" para ver "sintomas de demência de Biden". "Um dia vamos ver que o presidente da Ucrânia também não é o Churchill que tentam fazer-nos passar"

04Jul24



Esqueça-se Kursk, "o Donbass está a colapsar" graças a Putin que "não reage a impulsos, explora o ponto fraco e é impossível de desequilibrar"

24Ago24



opinião
Agostinho Costa

"Trump é dos poucos que já se aperceberam de que a Ucrânia perdeu esta guerra"

27Set24



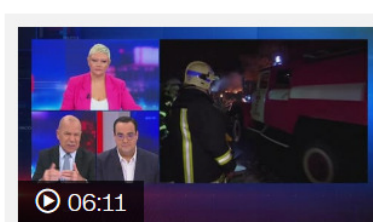
"A cedência de territórios é incontornável": vitória de Trump vai "acelerar o desenlace" da guerra na Ucrânia

06Nov24



Agostinho Costa quer ver os norte-coreanos em combate: "Mostrem-nos"

19Nov24



Agostinho Costa antecipa ofensiva ucraniana "nos próximos dias" - e com um sistema de guerra eletrónica novo

05Jan25



"This is the end of the game: o colapso do exército ucraniano aproxima-se": Agostinho Costa

29Jan25



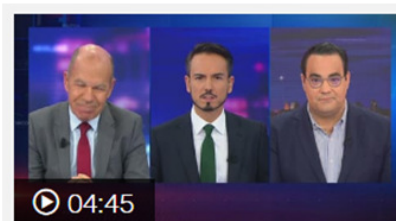
"A Ucrânia hoje perdeu a guerra"

28Fev25



Agostinho Costa acusa Zelensky de "esquizofrenia", "paranoia", "desespero"

01Jul25



"Os russos estão disponíveis para a paz. Quem parece que não a quer é Zelensky e os europeus"

24Ago25

Na imprensa escrita, também marcam presença e vão deixando algumas linhas cheias de significado. Carlos Branco, logo após o início da guerra, deu-nos esta curiosa explicação:

Em frontal desrespeito pela Resolução do Conselho de Segurança da ONU (2202/2015), que certificava os acordos de Minsk, as Forças Armadas ucranianas preparavam-se para resolver a questão russa na Ucrânia com o recurso à força, e na continuação recuperar a Crimeia. Já em Março de 2021, Zelensky tinha sido muito claro sobre as suas intenções relativamente ao Donbass. Washington estava plenamente ciente de que este caminho tinha riscos e ia provocar a reacção militar russa, não fazendo nada para o evitar, pelo contrário. Isso não impediu que instigasse a acção belicista ucraniana contra o Donbass, um ataque relâmpago organizado por conselheiros norte-americanos e britânicos, a ter lugar em Março de 2022. Moscovo antecipou-se, e invadiu preemptivamente a Ucrânia.⁴

⁴ Não foi por acaso, *Jornal Económico*, 19-05-22.

Por conseguinte, as Forças Armadas da Ucrânia, sabendo que do outro lado da fronteira se encontravam 200.000 homens em pé-de-guerra, com um potencial de combate elevadíssimo, estariam para passar ao ataque.

Mais recentemente, numa entrevista ao Diário de Notícias (29/06/2026), foi-lhe colocada pelo entrevistador a seguinte questão:

«Para si, a revolução que levou à queda de Yanukovich foi um golpe com a ajuda da CIA e levou neonazis ao poder, Zelensky é um político corrupto, impreparado, questiona quem são os autores, ou se sequer existiu o massacre em Bucha, como morreu Navalny, ou seja, as suas opiniões são sempre críticas para com a Ucrânia, mas nunca para a Rússia», ao que Carlos Branco replicou:

A informação aqui é exatamente ao contrário, é toda ela favorável ao Zelensky e é toda ela desfavorável à Rússia, portanto, essa crítica eu retribuo da mesma moeda.

Sim, porque estas intervenções fazem parte da própria guerra e não se podem dar argumentos ao opositor.

Falemos, então, da guerra

A Europa – expressão que uso com o significado do conjunto de países da União Europeia e da OTAN, mais a Ucrânia, como país agredido, e menos os EUA, que deixaram de ser contabilizáveis –, encontra-se perante um conjunto de ameaças, políticas e militares, como nunca esteve, desde o final da *Guerra Fria*. Essas ameaças, comandadas desde Moscovo, são motivo de especial preocupação, devido ao acumular de debilidades que existem presentemente no contexto europeu:

- O afastamento dos EUA;
- A patente cumplicidade entre os presidentes Donald Trump e Vladimir Putin, líderes da Internacional Reaccionária, ideologicamente irmanados num nacionalismo pseudocristão, abertamente apoiante dos partidos europeus de extrema-direita;
- A muito maior probabilidade de uma nova guerra ser iniciativa de Putin, face à inexistência de uma opinião pública que o condicione;
- A existência, na Europa, de partidos políticos de extrema-direita que propagandeiam a sua simpatia pelo regime de Moscovo, partilhando com ele a maior hostilidade relativamente à ideia de uma União Europeia;
- A actuação livre, própria das democracias, que é permitida a diversas formas de influência mediática, capaz de ‘moldar as percepções’ dos habitantes da Europa, incutindo-lhes MEDO.

Todas estas fragilidades são propícias ao apelo ao apaziguamento, desprezando as lições de 1938, quando o mesmo tipo de receios originou o tristemente célebre acordo de Munique, entre as potências Ocidentais e Adof Hitler. Do mesmo modo que Hitler só queria os Sudetas, Putin só quer o Dombas.

Enquanto se desenrolam estas contendas em território da Ucrânia, a luta política na Europa anima-se com os avanços dos partidos soberanistas de extrema-direita, na sua maioria simpatizantes da causa de Moscovo. Do lado de cá, é com a maior surpresa que constatamos que, em termos geopolíticos, se encontram convergindo com Putin, Trump, Orban, Le Pen,

Bolsonaro, Kim Jong-un, Milei, etc. personalidades e partidos políticos que, notoriamente ligados ao 25 de Abril, presumíamos não poderem combinar com a Internacional Reaccionária.

Um destes estranhos fenómenos tem por protagonista o jornalista Miguel Sousa Tavares (MST), autêntica estrela do semanário *Expresso* e do canal de televisão *SIC*. Logo em 18 de Fevereiro de 2022, a poucos dias do início da invasão russa, MST afirmava no *Expresso* que não ia haver invasão nenhuma. Era tudo uma campanha orquestrada pelos EUA. Dois anos volvidos (*Expresso* de 23-02-2024), com mais do que tempo para consolidar os seus conhecimentos sobre a história da Ucrânia independente, introduziu esta passagem no artigo (Heróis e vilões) então publicado:

No passado, esse imperialismo esteve à beira de conquistar a Rússia, sobre os salvados da decomposição da URSS. Foi no tempo em que Boris Ieltsin era Presidente da Rússia, deu a independência à Ucrânia e ainda lhe acrescentou a Crimeia como bónus...

Contudo, em 24 de Agosto de 1991, quando a Ucrânia declarou a sua independência, a URSS estava a desmembrar-se e Ieltsin havia já declarado a soberania da República Russa Socialista Soviética, subtraindo-se à autoridade de Gorbachev, ainda formalmente presidente da URSS. Deste modo, a Ucrânia tornou-se independente não da Rússia mas sim da URSS. Por outro lado, o ‘bónus’ da Crimeia à Ucrânia ocorreu em 1956, no tempo de Nikita Khrushchev.

Mais recentemente, no semanário de 4 de Setembro último, omitindo o apoio do Irão e da Coreia do Norte à Rússia, em armas e, no caso da Coreia do Norte, armas e tropas, acrescentou este apontamento, pleno de actualidade:

Agosto aproximava-se do fim [...] a nossa velha Europa continuava como sempre, entre a cumplicidade com o terrorismo de Estado de Israel e a imbecilidade estratégica na Ucrânia: lá foram todos eles outra vez em excursão a Kiev, não para pensarem no fim da guerra, mas para prometerem mais dinheiro e mais armas para que a guerra não acabe, Deus nos livre!

Ou seja, prometer mais dinheiro e mais armas à Ucrânia tem o maligno efeito de contribuir para que a guerra não acabe. Com este mesmo raciocínio, o apoio do presidente Franklin Roosevelt à Grã-Bretanha, em 1940, e, a partir de 1941, à URSS, foi uma maldade muito grande, prolongando a guerra e impedindo a vitória da Alemanha nazi.

Não creio que MST seja um militante da luta antieuropeia, bem pelo contrário, nem lhe vi afinidades com a lista de personalidades nacionalistas que atrás aponteí. Mas a sua contribuição para o grupo não pode ser ignorada.

Algo diferente se pode considerar relativamente ao comportamento do Partido Comunista Português (PCP), de quem conhecemos, desde sempre, a sua discordância quanto à pertença de Portugal à OTAN e à UE. Tomaram, desde o início da invasão, uma posição muito forte contra a Ucrânia e fizeram-no de forma institucional, na Assembleia da República. Essa atitude não deixou de ser contestada por alguns notáveis militantes, como foi o caso do ex-secretário-geral da CGTP, Arménio Carlos, o qual, em entrevista ao *Público* (17-11-2022), afirmou:

...aquilo que me dói, aquilo que me custa, é que na sociedade portuguesa, com esta situação, o Partido Comunista continua a ser queimado em lume brando. É isso que eu não quero, porque não é isso que está na origem das posições do partido. O partido sempre foi contra a guerra, pela paz. Algum partido em Portugal defendeu mais, nomeadamente a autodeterminação e também a independência das colónias? Que se manifestou mais contra o regime fascista, que teve uma série de militantes que sofreram ou nalguns casos morreram,

*que mais se opôs às ingerências que outros países, grandes potências, fizeram noutros países? Ninguém.*⁵

E outras dores se viriam a manifestar posteriormente, como foi o embaraço que se seguiu à morte na prisão do dissidente Alexei Navalny. Assim, o *Diário de Notícias* de 17-02-2024, dava-nos esta higiénica posição de Paulo Raimundo:

O secretário-geral do PCP demarcou-se este sábado das opções da Rússia após a morte do opositor russo Alexei Navalny numa prisão no Ártico, onde cumpria uma pena de 19 anos de prisão sob "regime especial".

"Estamos aqui perante mais um exemplo claro, de opções claras, que nos colocam no lado oposto daquilo que são as opções do governo russo, do governo capitalista russo", realçou Paulo Raimundo.

No lado oposto? E daí?

Não me compete dar conselhos a ninguém, mas posso expressar uma ideia que a História patentemente nos sugere: da próxima vez, serão os comunistas os primeiros que “eles” vêm buscar. A Europa ainda é o principal obstáculo ao sucesso da Internacional Reaccionária. Donald Trump e Vladimir Putin, como seus líderes, desejam a derrota da Ucrânia como prelúdio da queda da UE. De que lado ficam os MST desta vida, os moldadores de percepção e todos quantos se não cansam de proclamar “25 de Abril Sempre”?

David Martelo – 14 de Setembro de 2026

⁵ <https://www.publico.pt/2022/11/17/politica/entrevista/armenio-carlos-desafia-pcp-corrigir-posicao-ucrania-partido-queimado-lume-brando-2027982>